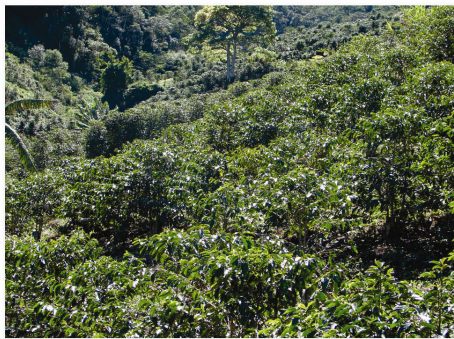


Certa vez, teve um incêndio na mata e no pasto, e a família de Jairo e Cirlene ficaram até a madrugada apagando o fogo na mata. Os vizinhos falaram que eles eram loucos, pois deviam era salvar o pasto, mas Jairo disse que a pastagem ia recuperar rápido, porém a mata nunca ia ser igual se o fogo se alastrasse. Perto dessa mata tinha uma Braúna que a família acredita ter tido mais de 500 anos; o "Mata Pau" tomou conta da árvore e por mais que tentassem eliminá-lo, ele insistia em voltar, até derrubar a Braúna, que fez toda a redondeza estremecer.

Na propriedade tem muito bambu gigante, plantados pelo pai de Cirlene. A agricultora conta que seu pai, após um acidente, não conseguiu mais andar, então pedia os netos que trouxessem até ele uma folha do bambu para comprovar que a planta estava viva. A família aconselha usar o bambu de cerca viva, pois ele entouceira bastante e se fecha bem. Aprendemos que para o bambu vingar, o colmo deve ser mantido molhado o tempo todo, por isso é bom plantá-lo deitado com um pequeno furo, para entrar água dentro. Apesar desses cuidados a família disse que o bambu pega facilmente, que uma vez enterraram bambu para escorar a sementeira de fumo, a estaca de bambu brotou e "foi para frente".

Várias outras experiências nos foram passadas, como o uso do Pau Pereira como vermífugo, contra piolho e problemas no intestino. Se podado na lua nova de agosto, o pé de figo rende muito mais frutos. Para doenças na cebolinha aconselha-se um copo de supermagro e meio copo de urina de vaca, diluídos em quatro litros de água, ajudando a combater o pulgão preto. Ao plantar mostarda na horta não dá pulgão na couve, pois eles vão todos para a mostarda; outra receita para espantar pulgões é ferver folhas de fumo e pulverizar o chá nas plantas.



Vista da lavoura de café e área com palmito Juçara onde brota a água da propriedade.

**De longe já se percebe a beleza da propriedade de Cirlene e Jairo, que possuem uma família muito unida, amiga, e que trabalham juntos. "O importante é que gostamos muito daqui!" disse uma das quatro filhas do casal, que possui ainda mais dois filhos.**



telefax (31) 3892 2000  
e-mail: cta@ctazm.org.br  
http://www.ctazm.org.br  
Viçosa - MG

centro de tecnologias alternativas da zona da mata

Arte e diagramação: Oswaldo Santana

Apoio: **act:onaid**



Ministério do Meio Ambiente



Secretaria da Agricultura Familiar  
Ministério do Desenvolvimento Agrário



Ministério do Meio Ambiente



ASSOCIAÇÃO REGIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS DA ZONA DA MATA - MG  
R: Luiz Lourenço de Lima, nº 605, Centro, Divino - MG  
cep 36820-000  
tel: (32)3743-1544  
aregional@ig.com.br



A filha Sonia, Elza e José Moreira.



Visita para troca de conhecimentos.

A família foi marcada por vários conflitos que ocasionaram diversas mudanças de propriedade. Na época em que trabalhavam com empregados, havia grande incentivo aos agrotóxicos e como se negavam a usar, gerava descontentamento dos fazendeiros. Após a morte de um dos patrões, por quem a família trabalhou por mais de quinze anos, foram mandados embora e obrigados a mudar para a cidade de Carangola.

Foi uma época de muito sofrimento, principalmente por não se acostumarem com a vida urbana, "me sentia como um passarinho preso em gaiola", disse José Moreira. Passado algum tempo a família voltou à Espera Feliz, para trabalhar em uma lavoura de uma fazenda que produzia muito pouco. Com muito trabalho eles conseguiram reverter o quadro com uma boa safra, uma das melhores já obtidas naquelas terras, gerando boa quantia de dinheiro, e alimentando o sonho de finalmente adquirir um pedaço de terra.

Com o anúncio na rádio da venda de uma propriedade na comunidade do Paraíso, não economizaram esforços para adquirir o terreno, trabalhando duro, vendendo tudo o que conseguiam produzir, e juntando o dinheiro. Para completar o que faltava, pediram dinheiro emprestado a várias pessoas, a maioria com poucos recursos, mas com grande espírito solidário, já que alguns fazendeiros que conheciam negaram o empréstimo, mesmo com boa condição financeira.

Segundo Zé Moreira, o trabalho de meeiro "é como tirar para você o que seu braço esquerdo trabalha na terra, enquanto o trabalho do braço direito fica para o patrão", e ainda complementa que "às vezes vai um pouco do esquerdo". O empenho da família para pagar o sítio foi bem menor que o esforço gasto onde trabalhavam para o fazendeiro; hoje possuem seu próprio chão, para manejá-lo no gosto e ritmo que desejar. Assim contrariaram os boatos que aquela propriedade era ruim, que a terra era fraca e produzia muito pouco.